

Reflexões acerca da infância Reflections on childhood

Rafael Vicente de Moraes
ravimo@marilia.unesp.br
raffitos@yahoo.com.br

FREITAS, M.C. e KUHLMANN JÚNIOR, M. (Orgs.). 2002. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo, Cortez, 503 p.

Nas ciências humanas e sociais, já se tornou comum a afirmação de que os últimos 20 anos têm assistido à entrada em cena de novos sujeitos sociais. Esses novos atores coletivos vêm mobilizando grande esforço teórico-reflexivo da sociologia e da história contemporânea para identificá-los e dar conta de seu dinamismo. Os últimos séculos gestaram concepções, idéias e representações a respeito da criança. É nesse sentido que caminha *Os intelectuais na história da infância*, organizado¹ por Marcos Cezar de Freitas e Moysés Kuhlmann Jr. Nele, autores de Portugal, Estados Unidos, Argentina e Brasil são convidados a forjar uma reflexão crítica sobre as representações construídas e difundidas acerca da infância, constituindo assim um rico manancial da história da infância.

Carlota Boto abre a coletânea com “O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes”. Apóia suas reflexões no campo da história da filosofia da educação. Sua perspectiva se descortina a partir da idéia renascentista sobre a criança, ganhando densidade com a introdução do estudo da pedagogia jesuítica e de dois teóricos importantes do pensamento pedagógico no Ocidente: o pastor tcheco Jan Amos Comenius e Jean-Jacques Rousseau, destacando que esse último via na infância elementos de inocência e pureza, imprescindíveis ao desenvolvimento da verdade. Em “Educando príncipes no espelho”, João Adolfo Hansen analisa como, na Idade Média, o protótipo ético-

político do “príncipe prudente” foi desenvolvido nos filhos da nobreza européia educados na virtude cristã, com vistas à educação do futuro governante.

No trabalho “Estatuto do sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre a criança”, Ana Luíza Bustamente Smolka destaca três intelectuais do século XX: Henry Wallon, Lev Vigotsky e Jean Piaget, situando e discutindo seus pressupostos dentro do caldo sócio-histórico em que foram produzidos. Já Paolo Nosella, divide o seu texto em três partes: “A linha vermelha do planeta infância: o socialismo e a educação da criança”. A primeira – o socialismo utópico – abarca o período que vai da Revolução Industrial até a publicação do *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Marx e Engels. Em seguida – o socialismo científico – que começa com a publicação do *Manifesto do Partido Comunista* e vai até a ascensão de Stalin. Por fim, a última parte – socialismo investigativo – abrange a difusão dos textos de Gramsci aos dias de hoje. O texto é um esforço para se trazer à luz as contribuições teórico-práticas da corrente socialista para a educação da criança.

O trabalho de Antônio Gomes Ferreira, “A infância no discurso dos intelectuais portugueses do Antigo Regime”, analisa o quadro educacional português do século XVIII. Segundo o autor, a infância passou gradativamente a ser alvo de médicos sanitaristas, pedagogos, cientistas portugueses, bem como da esfera pública. Nem o poder divino nem o poder do rei criariam mecanismos capazes

¹ Marcos Cezar de Freitas é organizador de *História social da infância*, São Paulo, Cortez, 1997, 310 p. Moysés Kuhlmann é historiador da educação e pedagogo. É autor de *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*, São Paulo, USF/CDAPH, 2001, 262 p.

de “governar” as crianças, sendo necessária, a partir daí, a presença do Estado moderno. No artigo “Simón Rodríguez, mestre de primeiras letras e as idéias sem fronteiras”, Maria Lígia Coelho Prado enfoca o itinerário e a contribuição ímpar para a educação venezuelana. Esse professor não frequentou a universidade, mas logrou um projeto claro de intervenção social calcado em matizes filosóficas e educacionais diversas.

São destacadas por Mariana Narodwski, em “Os pedagogos lancasterianos e a infância”, as peculiaridades atuantes na relação entre infância, disciplina do corpo infantil e o método lancasteriano e o modo como este foi incorporado, no limiar do século XIX, ao processo de escolarização argentina. Luciano Mendes de Faria Filho e Zeli Efigênia Santos de Sales, com “Escolarização da infância brasileira: a contribuição do bacharel Bernardo Pereira de Vasconcelos”, tratam da fase seguinte, a proclamação da independência no Brasil (1822), como sendo importantíssima ao processo de escolarização da infância. Assim sendo, é ressaltada a figura do bacharel que, nas décadas de 20 e 30 do século XIX, foi responsável pela produção de um debate no qual a educação escolar infantil passou a estar presente na agenda social como um todo.

Em “A educação infantil na obra de Francisco Adolfo Coelho”, Rogério Fernandes examina como este concebia a educação e a criança portuguesa. Além disso, é destacada a presença significativa, no século XIX, de intelectuais e políticos realizando algum tipo de intervenção na esfera educacional e na instrução pública. Em “Modificar com brandura e prevenir com cautela: racionalidade médica e higienização da infância”, José Gondra enfoca as concepções acerca da infância gestadas e difundidas no seio das práticas médicas no Brasil, especificamente as do Dr. Moncorvo Filho.

O artigo de Eliane Marta Teixeira Lopes, “A Psicanálise aplicada às crianças do Brasil: Arthur Ramos e a ‘criança problema’”, ressalta a forma como esse intelectual brasileiro incorporou a análise freudiana às suas reflexões, forjando sua aplicação na educação no início do

século XX. Cabe pontuar também os debates produzidos no seio da intelectualidade brasileira, na segunda metade do XIX, vindos, sobretudo, da Europa. Marcos Cezar de Freitas aborda, em “Da idéia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma”, a obra do intelectual sergipano Manoel Bomfim, intitulada *Cultura e educação do povo brasileiro*, de 1932.

A proposta de Marta Maria Chagas de Carvalho, “Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola”, é trazer à tona o movimento da Escola Nova no Brasil, vindo tardiamente, segundo a autora, se comparado com a Europa. Mirian Jorge Warde frisa, em seu texto “Oscar Thompson na Exposição de St. Louis (1904): a exhibit showing ‘machinery for making machines’”, a *Exposição Universal de St. Louis*, realizada nos Estados Unidos, em 1904, e os ecos produzidos na instrução pública paulista por ocasião da visita ao evento do então diretor da Escola Normal da Capital de São Paulo, Oscar Thompson. O dossiê é concluído com Moysés Kuhlmann Jr., tratando, no seu artigo “A circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX”, de dois eventos realizados no Rio de Janeiro, em 1922 – o 3º Congresso Americano da Criança (CAC) e o Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CBPI) e o modo como os atores e setores sociais da época incorporaram as diferentes concepções de educação infantil.

O esforço de um trabalho se materializa fundamentalmente pelas questões por ele suscitadas. Assim sendo, a coletânea contribui merecidamente para elucidar aspectos históricos, sociais, representativos e discursivos a respeito da infância. Os trabalhos apresentados dão atenção a investigações nessa esfera, trazendo em seu bojo aportes teórico-analíticos, e são, por isso mesmo, um convite à reflexão. O painel traçado pelos autores brasileiros e estrangeiros conduz o leitor a identificar pontos comuns que atravessam a pluralidade dos textos elaborados. Além disso, mostra-nos a importância de se explorar novos caminhos, não menos tortuosos.

Rafael Vicente de Moraes
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UNESP